

## **Nietzsche enquanto leitor de Platão**

*Nietzsche as a reader of Plato*

Matheus V. Lemos

Graduando em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

[matheuslemosfilosofia@hotmail.com](mailto:matheuslemosfilosofia@hotmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/9697276162000032>

### **Resumo**

Tal trabalho tem por objetivo cotejar o pensamento de Friedrich Nietzsche (na idade jovem e madura) em relação à filosofia platônica, dando enfoque nos precedentes que motivaram o homem Platão a tornar-se um filósofo dialético. Para que a pesquisa rumasse a tal objetivo, fez-se importante elucidar o impacto de Sócrates na vida do jovem Platão, sendo crucial para entendermos os motivos pelos quais Platão desencadeia uma postura negativa em relação aos oradores, poetas e artistas de Atenas. Ademais, com a intenção de contrastar a filosofia dialética, cujo ponto de partida se encontra no socratismo, irei elucidar a retomada que Nietzsche faz dos filósofos pré-platônicos, apontando o decaimento da filosofia trágica em detrimento de uma filosofia metafísica e moralista. Além disso, tal pesquisa tem a intenção de mostrar a imagem ambígua que Nietzsche tem de Platão, que oscila entre o filósofo artista e dialético.

**Palavras-chave:** Arte. Dialética. Pré-platônicos. Platonismo. Socratismo

### **Abstract**

This work aims to compare the thought of Friedrich Nietzsche (in his young and mature age) in relation to Platonic philosophy, focusing on the precedents that motivated the man Plato to become a dialectical philosopher. For the research to move towards this goal, it was important to elucidate the impact of Socrates in the life of the young Plato, being crucial to understand the reasons why Plato unleashes a negative attitude towards the orators, poets and artists of Athens. Furthermore, with the intention of contrasting the dialectical philosophy, whose starting point is found in Socratism, I will elucidate Nietzsche's return to pre-Platonic philosophers, pointing out the decay of tragic philosophy to the detriment of a metaphysical and moralistic



philosophy. Furthermore, such research intends to show the ambiguous image that Nietzsche has of Plato, who oscillates between the artist and dialectician philosopher.

**Keywords:** Art. Dialectic. Pre-Platonic. Platonism. Socratism.

## **Introdução**

A seguinte pesquisa tem como base a obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão, traduzido para o português em 2020, cuja primeira metade da obra é comentada por Marcelo Marques Pimenta, enquanto a segunda metade trata-se de um compilado das aulas do jovem Nietzsche, quando era professor de filologia, na Universidade da Basileia. No entanto, a pesquisa não se limita a tão só tal obra, mas conta com outras, como por exemplo, suas obras de idade madura. Nietzsche é apresentado, por Marcelo Marques, como professor da Universidade da Basileia, cujas aulas versavam sobre literatura, mitologia grega, filosofia pré-socrática e, sobretudo, os diálogos de Platão. Desse modo, mediante esse registro histórico, o filósofo trágico é tido como aquele que possuía um grande interesse nos estudos direcionados à Grécia Antiga. Vale refletir, portanto, qual a origem de tal motivação. Sabe-se, por Nietzsche, que os intelectuais de sua época (Alemanha, séc. XIX) tomavam as obras de Platão como objetos de estudos científicos, especificamente, no campo da filologia, tal atitude designando uma cultura cientificista a qual o próprio Nietzsche foi de encontro. Dessa forma, quando Nietzsche retoma os estudos dos diálogos de Platão, assim como a filosofia pré-socrática, se dá na tentativa em traçar um paralelo com a visão de mundo de sua contemporaneidade, que é diagnosticada por ele como decadente. E, para essa mesma cultura enferma, Nietzsche passou a procurar o antídoto para a cultura que estava, sucessivamente, rumando ao declínio.

Entre os filólogos da época do jovem Nietzsche, a obra "Introdução ao estudo dos diálogos de Platão", ressalta Schleiermacher como aquele que, ao traduzir e interpretar as obras de Platão, negligencia a busca por saber quem ele foi e a vida que ele teve, enquanto se toma como objeto de investigação, tão só, os escritos propriamente ditos. É criticada, também, outra postura de Schleiermacher; segundo Nietzsche, ele acreditava que os escritos de Platão seriam capazes de fornecer conhecimento para aqueles que não sabem. Nietzsche vai de encontro a tal ideia, trazendo à tona a premissa de que os diálogos são lembranças do que ocorreu, efetivamente, na Academia de Platão - Desse modo, os diálogos nada mais são que uma imagem do que realmente aconteceu.



Não obstante, o que Schleiermacher tivera pressuposto seria um curso propedêutico vindo de Platão. Tal posição está totalmente em contrapartida ao que Nietzsche vai adotar, em relação às intenções de Platão com seus diálogos.<sup>1</sup>

Segundo a interpretação de Nietzsche, os diálogos de Platão não são fim em si mesmos, pois ele sustenta a imagem de um Platão como homem de ação, não um teórico. Para Nietzsche, projetar em Platão a imagem de um homem teórico, seria uma consequência de uma época cujo intelectual é, antes de mais nada, essencialmente um escritor - e não um homem da práxis. O se o ambiente no qual Platão nasceu e cresceu, pode ser uma evidência historiográfica para a interpretação de um Platão isento de interesses estritamente teóricos; isto é, a Grécia Antiga e o teatro arcaico, além do mais, a ágora filosófica. Desse modo, quando Nietzsche projeta em Platão a figura de um homem de ação, ele compartilha de uma interpretação verossímil com a dos esoteristas, como em uma passagem, da obra “Introdução ao estudo dos Diálogos de Platão, expõe: “Segundo ele, os escritos são apenas uma imagem (*éidolon*) de algo não escrito, um apoio para os que já conheciam seu pensamento vivo, o que se aproxima, até certo ponto, de posições como as de G. Reale (1991) ou de M. Erler (1991).” (MARQUES, 2020. P. LI).<sup>2</sup>

Ademais, para Nietzsche, o objetivo de Platão não era o de escrever seus diálogos direcionados à leitores cultos, mas sim fortalecer uma ideia de Estado e de vida com objetivos mais elevados. E foi a partir de sua saída de Atenas, em sua busca por um filósofo que substituísse Sócrates, que ele passa a ter contato com os heraclitianos, parmenídeos e pitagóricos - figuras importantes, para a fundamentação da teoria do conhecimento de Platão, quando mais maduro, que vai designar o platonismo. Muito embora o conteúdo das obras de Platão fossem de motivação dialética, segundo Nietzsche, Platão foi mais que um homem dialético, ele foi um ativista político. Segundo os relatos de Hermodoro, Platão sai de Atenas por volta dos 28 anos e, junto aos socráticos, viaja para Mégara, onde passou a experimentar o modo de vida dos povos, a partir do qual recolheu, também, partes de outras filosofias, sintetizando-as em sua futura teoria filosófica

---

<sup>1</sup> A investigação filológica de Nietzsche se difere com o modo como as pesquisas dos intelectuais de sua época eram feitas. Nietzsche investiga o objeto para além do horizonte estritamente científico, pois ele vai pensar com certa subjetividade, dando enfoque ao indivíduo - como a passagem de “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão apresenta: “Poderíamos dizer que Nietzsche exerce uma ‘filologia’ de artista, que traduz mais seus a priori filosóficos que os resultados de uma pesquisa analítica. Os abusos e as ousadias que comete significam uma provocação em relação a filologia científica, incidindo diretamente sobre seus fundamentos e explicitando seus pressupostos filosóficos.” (MARQUES, 2020. P. XXXIII).

<sup>2</sup> O comentador da obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, diz que, de acordo com Nietzsche, os esoteristas acreditavam que a doutrina de Platão, em vida, seria o complemento para seus escritos. Portanto, há uma lacuna nos diálogos a ser preenchida. Tal ideia corrobora, ainda mais, com a interpretação de que Platão não foi um homem teórico, e tampouco tinha como finalidade ser um escritor, tal como era comum na comunidade intelectual do século XIX.



das ideia<sup>3</sup>. Tratando-se dos pitagóricos, a obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, os apresenta como inspiração, tanto na teoria da reminiscência da alma, quanto na ideia de Estado ideal. Aqui há, portanto, o prenúncio de um Platão lógico e dialético em articulação com o reformador político. Vale ressaltar que, nessa época, Platão não havia renunciado totalmente a Heráclito, mas a influência socrática o impelia a aceitar a filosofia do constante vir-a-ser com totalidade.

Desse modo, segundo a interpretação de Nietzsche, os diálogos de Platão teriam a função de corroborar com o objetivo de reformar o Estado e o mundo<sup>4</sup>. Para Nietzsche, Platão queria legislar, mas, para que isso fosse possível, ele teria de reunir homens suficientes, tornando-os filósofos, para que um dia os ajudassem a fundar o suposto Estado ideal. “Tudo o que ele faz, ele faz com esse objetivo; ele queria ser um modelo seguido pelos outros; ele precisava viver cada vez mais de acordo com seu ideal; evoca a *Carta VII* e as *Leis* como prova disso. O fato de jamais conseguir chegar ao seu ideal seria uma fonte terrível de dor para ele.” (MARQUES. 2020. P. LXIV).

Nesse processo de idealização do Estado, é instaurado um moralismo que, supostamente, forneceria acesso a ele; trata-se de negar o testemunho dos órgãos dos sentidos frente à multiplicidade e o devir - cuja influência principal, para Nietzsche, adveio de Sócrates, no que se refere a moralidade subjacente a uma epistemologia transcendental, presente no platonismo: “Submeter-se a Sócrates significaria recusar o sensível e a aparência (que seria sempre falsa) em nome do ser que seria não sensível e oculto (sempre verdadeiro). (NIETZSCHE apud MARQUES, 2020. P. XXXIX). Portanto, a negação da vida real em detrimento de uma além, é bastante presente nos diálogos platônicos, como, por exemplo, o “Fédon”. O diálogo tem como tema principal a imortalidade da alma, sua preexistência e, consecutivamente, sua natureza simples. O diálogo em questão é apresentado sob a moralidade socrática, quando Sócrates elucida o papel do filósofo e como este deve se portar diante da morte.

Debruçando-se sobre o tema da morte em tal diálogo, presente na obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, Nietzsche nos apresenta a concepção que Platão tem dela; “A morte deve ser chamada de gênio propriamente inspirador da filosofia, ou de intermediador das musas para a filosofia: segundo Platão, filosofia é, pura e simplesmente, exercício da morte, ou seja, preparar-se para a morte. Sem a morte, dificilmente se chegaria a filosofar. Primeiramente, no homem, surge a certeza da morte: o remédio, em contrapartida, são os pontos de vista metafísicos, o

---

<sup>3</sup> Segundo a interpretação de Nietzsche, Platão escreveu seus diálogos de cunho racional, com objetivos políticos, por volta de seus 41 ou 42 anos, quando a influência socrática pousou, definitivamente, sobre ele

<sup>4</sup> Além do mais, seus escritos seriam um reforço para defender a filosofia de ataques e perseguições.



cerne de todas as religiões e filosofias”. (NIETZSCHE, 2020. P. 105)<sup>5</sup>. Nota-se, portanto, a partir da premissa de que viver é estar morto, o pessimismo de negação da vida. Nietzsche, em sua obra de maturidade - “Crepúsculo dos Ídolos” - formula algumas teses que vão de encontro a tal suspensão desta vida: “Não há sentido em fabular acerca de um ‘outro’ mundo, a menos que um instinto de calúnia, apequenamento e suspeição da vida seja poderoso em nós: nesse caso, vingamo-nos da vida com a fantasmagoria de uma vida ‘outra’, ‘melhor’”. (NIETZSCHE, 2017. P. 23)<sup>6</sup>

Platão chega à asserção de que a alma é imortal mediante a premissa da preexistência dela, tal como sua imaterialidade, que vai de encontro a todo objeto composto, captado pelo empreendimento sensível. Desse modo, Nietzsche, ao narrar e comentar o diálogo “Fédon”, apresenta a posição de Platão se tratando da morte corporal: “O filósofo anseia por livrar-se do corpo. Tal é o que proporciona, finalmente, a morte, e de maneira completa. Por isso, o filósofo anseia por esta. Quanto mais ele emprega o corpo, tanto menos conhece a verdade, Depois da morte ele tem a esperança de conhecer puramente a verdade.” (NIETZSCHE, 2020. P. 107). Ademais, acerca da suposta possibilidade do conhecimento da verdade imutável, ou da preexistência da alma, vemos a crítica de Nietzsche presente na obra “Além do bem e mal”: “E talvez esteja próximo o tempo em que se perceberá quão pouco bastava para constituir o alicerce das sublimes e absolutas construções filosóficas que os dogmáticos ergueram - alguma superstição popular de um tempo imemorial (como a superstição da alma, que, como superstição do sujeito e do Eu, ainda hoje causa danos), ou temerária generalização de fatos muito estreitos, muito pessoais, demasiado humanos.” (NIETZSCHE, 2005. P. 7)

No entanto, Nietzsche, ao estudar os diálogos de Platão, acaba por nutrir duas imagens do filósofo grego. Faz-se importante explicitar que Nietzsche não critica, necessariamente, o homem que foi Platão, mas sim o platonismo, que vislumbra o Platão teórico e metafísico. Desse modo, a pesquisa de Nietzsche se encaminha com o objetivo de distinguir o indivíduo Platão e o movimento do pensamento fundado por ele. (MARQUES, 2020, p. XLVIII). Acerca de tal ideia do alemão, sobre Platão, Marques suspeita que Nietzsche queria achar um Platão possível (artista), haja vista que o próprio Nietzsche, em sua obra de juventude, “O nascimento da tragédia”, reforça a ideia de que Platão não é, por natureza, um socrático, quando menciona que Sócrates sempre negou a fazer arte, pois, sua filosofia seria a mais sublime das coisas.

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Introdução ao estudo dos diálogos de Platão. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020. P. 23.

<sup>6</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos Ídolos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017. P. 23.



O que motiva a interpretação de Nietzsche, acerca do Platão, filósofo artista, e o socratismo, ganha força quando Nietzsche destaca, nos diálogos de Platão, uma variedade artística presente em suas obras e, ao mesmo tempo, a subordinação da arte ao raciocínio dialético - como uma espécie de repressão do espírito artístico que necessitava ser expressado. Ou seja, muito embora crítico da arte de sua época, Platão não a abandonou totalmente. Mas, pode-se interpretar tais elementos presentes nas obras do Platão, em sua idade madura, como uma tentativa de reprimir o que um dia ele foi, antes de conhecer Sócrates - isto é, um compositor de tragédias.

A objeção principal que Platão fazia à arte mais antiga - de que era imitação de uma imagem aparente, ou seja, pertencia a uma esfera ainda inferior ao mundo empírico - não podia ser dirigida contra a nova obra de arte; assim, vemos Platão empenhado em ir além da realidade e expor a ideia subjacente àquela pseudorealidade. (NIETZSCHE, 2020. P. 79)

Na obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, é apresentado, por Nietzsche, a educação de Platão, quando narra as andanças do jovem ateniense. Tratando-se de sua formação, ele praticava ginástica, música, possivelmente lutou nos jogos Ístmicos e Olímpicos, frequentou pintores e, sobretudo, escrevia poesias, epopéias e tragédias. Haja vista tais relatos, segundos Dicearco, Áriston de Argos, Diógenes Laércio, pode-se concluir que Platão tinha uma natureza intrinsecamente artística. No entanto, por mais que Platão tivesse potencialidades desenvolvidas, para escrever tragédias, tal talento era posto em seus diálogos quase que espontaneamente, ou seja, de forma não intencional. Já a característica dialética, esta sim, era proposital e lutava contra toda a forma de arte dos poetas da Grécia Antiga.

Para melhor compreensão da luta de Platão contra sua natureza artística, vale rememorar o impacto do socratismo com uma passagem da obra de João Evangelista Tude de Melo, “As 10 lições sobre Nietzsche”, ao narrar o processo de declínio de um dos impulsos artísticos da arte trágica (dionisíaco) pelo ateniense maiêutico, que tivera influenciado um dos grandes escritores da Grécia Antiga, Eurípedes, que passou a escrever suas peças na ausência do coro - elemento primordial do culto a Dionísio -, dando ênfase nos diálogos envolvidos pela racionalidade e lógica. Portanto, o que Eurípedes fez na arte trágica não foi diferente do que Sócrates fez na filosofia, desse modo, a composição artística implícita nos diálogos de seu discípulo, Platão, seriam, tão só, um auxílio para uma finalidade dialética. “Verdadeiramente, Platão forneceu a toda posterioridade o modelo de uma nova forma de arte, o modelo do romance; que podemos caracterizar como uma fábula esopiana intensificada ao infinito, na qual a poesia ocupa, em relação à filosofia dialética, um



posto semelhante ao que essa filosofia teve, por muitos séculos, diante da teologia: o de ancilla [serva, auxiliar].” (NIETZSCHE, 2020. P. 79).<sup>7</sup>

Apesar dessa face que Platão apresenta, ainda sim ele é visto, por Nietzsche, como o homem mais culto da época mais culta, e não pode ser reduzido a um mero discípulo de Sócrates, haja vista que Sócrates, para Nietzsche, é anti-artístico por natureza. Como ele bem elucida em sua obra de juventude, “O nascimento da tragédia”, Sócrates nega o pedido de um dos de seus seguidores a fazer música, pois, segundo o filósofo maiêutico, a música popular não agradaria uma divindade tal como sua filosofia. “Pois aquele lógico despótico sentia, ocasionalmente, em relação à arte, uma lacuna, um vazio, uma meia recriminação, uma obrigação negligenciada. (NIETZSCHE, 2020. P. 81).<sup>8</sup>

Um dos motivos pelos quais Nietzsche traça um contraste entre Platão e os filósofos da *physis*, pode-se entender a partir do que o comentador da primeira metade da obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, Marques, comenta, parafraseando Nietzsche: “Ele pensa, com razão, que para compreendermos Platão temos sempre que situá-lo na oposição a alguma instância fundamental da cultura: seja na crítica aos poetas, aos sábios arcaicos ou modernos, seja na confrontação política do tribunal que condena Sócrates.” (MARQUES, 2020. P. LXVI). Desse modo, faz-se enriquecedor, para a pesquisa, dirigir-se o olhar para a visão de mundo dos filósofos da *physis* (natureza), a fim de traçar uma comparação em relação à filosofia posterior (socrática e platônica) e, com isso, destacar o momento e qual postura foi impactante para o declínio da filosofia trágica em detrimento de uma filosofia dogmática e otimista - estas duas últimas características, configurando o socratismo e platonismo.

Ademais, vale começar com o filósofo Eleata, cuja filosofia baseia-se na noção do ser - eterno, indivisível e imutável. A asserção de que o ser é, segundo Nietzsche - em tom de crítica -, parte do pressuposto de que a faculdade do pensamento foi capaz de pensá-lo, logo, ele deve existir; do contrário, o que não é, não pode ser pensado, logo, não existe<sup>9</sup>. Do mesmo modo, Platão se debruçou em tal corrente de pensamento no estático, fazendo uma distinção entre duas faculdades: a alma (*ratio*) e o corpo. Assim, a filosofia do ser eterno, na busca pela essência das coisas, se

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da Tragédia. 1ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020. P. 79.

<sup>8</sup> NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da Tragédia. 1ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020. P. 81.

<sup>9</sup> “Em nenhuma parte a experiência lhe ofereceu um ser tal como havia ideado, mas, porque foi capaz de pensá-lo, ele então concluiu que tal ser tinha de existir; uma conclusão baseada no pressuposto de que temos um órgão do conhecimento que se dirige à essência das coisas e independente da experiência.” (NIETZSCHE, Friedrich. A filosofia na Era trágica dos Gregos. Trad. Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008. P. 87)



contrasta com o eterno vir-a-ser, na premissa de que a segunda é baseada nos sentidos, portanto, na imagem da ideia. Fica evidente tal pressuposto, quando Nietzsche narra, na obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, a ideia que permeia os diálogos de Platão:

O destrutível é o composto, o uno é durável. Ao relacionar-se com o corpo, a alma se torna inquieta e se aplica ao que está sempre em mudança. A alma do filósofo <.> anseia pelo que permanece igual. [Tudo está depois da morte]. Há de diferenciar-se entre visível, sensível, múltiplo e o [eterno] e eternamente imutável. A alma anseia pelos últimos; o corpo, pelos primeiros. (NIETZSCHE, 2020. P. 110)

Desse modo, a filosofia de Parmênides, como a de Platão, são abstrações sem ponto de referência, isto é, sem coisa no mundo que direcione à especulação. Crítica que é levantada por Nietzsche, em sua obra de juventude, “A filosofia na era trágica dos gregos”: “A verdade deve habitar, agora, apenas nas mais pálidas e abstratas generalidades, nos estojos vazios das mais indeterminadas palavras, como num abrigo feito de teias de aranha; e, junto a tal ‘verdade’, senta-se então o filósofo, enredado em fórmulas e tão esvaído em sangue quanto uma abstração. A aranha quer, afinal de contas, o sangue de suas vítimas; mas o filósofo parmenidiano detesta justamente o sangue de sua vítima, o sangue da empiria por ele imolada.” (NIETZSCHE, 2008. P.85). Portanto, é contra essa doutrina da hipertrofia da razão, presente na filosofia de Platão, que Nietzsche recorre a heráclito, contrastando com a filosofia parmenídica, pois este movimento filosófico transmite a ideia de que a verdade é baseada na permanência, unidade, substância, designando uma essência imaterial que dá razão ao mundo. A partir dessa condição racionalista, empregada Sócrates e, posteriormente, pelo platonismo, há a negação do espírito helênico autêntico dos pré-socráticos (por excesso a Parmênides), pois foram de encontro a tudo que os sentidos podem captar, toda multiplicidade e mudança fenomênica e, em detrimento do constante vir-a-ser, fundamentaram seus juízos de verdade imutáveis.<sup>10</sup>

Ao contrário dessa atitude, a tragédia, a arte trágica, ou seja, a filosofia dos chamados pré-socráticos ou pré-platônicos, que é como Nietzsche os designava, se caracterizava, a seus olhos, por uma atitude oposta, qual seja, pela atitude de plena

---

<sup>10</sup> Pierre Hadot, em sua obra “O véu de Ísis: Ensaio sobre a história da ideia de natureza”, apresentou o interesse de Sócrates, no Fédon, pela investigação da natureza, no entanto, este desistiu de tal busca por estar ancorada no plano material - o exemplo mais remoto disso, é o da medicina antiga: “Conhecer as causas de cada coisa, saber por que cada uma vem à existência, por que perece, por que existe”. (HIPÓCRATES apud HADOT, 2006. P. 41). Ademais, na mesma obra de Pierre Hadot, é apresentado ao leitor um Platão que põe em questão a validade da busca pela verdade na natureza. “Para aqueles que se ocupam com as ‘pesquisas sobre a natureza’, a natureza não passa de um processo cego e espontâneo, enquanto para Platão o princípio das coisas é uma força inteligente, a alma” (HADOT, 2006. P. 42). Não obstante, tal interpretação concilia com a filosofia de Platão, surgindo posteriormente e fundamentada sob os conceitos de: permanência, unidade e alma.



aceitação da realidade, pela ousadia de afirmar a realidade em sua inteireza, com tudo o que nela pode haver de problemático e terrível. (MARQUES, 2020. P. XII).

Para uma melhor compreensão da reviravolta do jovem Platão (artista), ao Platão em idade madura (dialético), vale rememorar a ideia de Nietzsche presente na obra “O nascimento da tragédia”. Nela, Nietzsche pretende utilizar duas imagens, de duas figuras na mitologia grega - Apolo e Dionísio - como expressões artísticas e, além do mais, fazer delas uma espécie de cosmogonia. Apolo se transfigura numa imagem límpida, é símbolo de simetria e harmonia<sup>11</sup>. Por vez, Nietzsche toma Apolo como símbolo de uma suposta ordem que permeia o cosmos. Como antítese, há Dionísio, que se manifesta numa imagem que representa a paixão, a desmesura, a embriaguez criativa<sup>12</sup>. Essas duas imagens, muito embora antitéticas, juntas compõem a superabundância da vida, Apolo e Dionísio são tidos, portanto, como dois impulsos naturais que permeiam a vida - importantes para a expressão artística dos helenos. No entanto, segundo os relatos de Nietzsche, a figura de Apolo era demasiadamente valorizada, enquanto a de Dionísio, era repudiada. Alega Nietzsche, que tal evento de separação das partes que constituem a arte trágica, foi com Eurípedes; eis o responsável por retirar os elementos dionisíacos de sua arte, tal como a música dionisíaca, dando atenção apenas aos diálogos de cunho lógico e racional<sup>13</sup>.

Tal acontecimento foi devido ao impacto da presença socrática nas obras de Eurípedes; “Com o chicote dos seus silogismos, a dialética otimista expulsa da tragédia a música; ou seja, destrói a essência da tragédia, que só é possível interpretar como uma manifestação e figuração de estados dionisíacos, como simbolização visível da música, como o mundo onírico de uma embriaguez dionisíaca”. (NIETZSCHE, 2020. P. 81). Em contraste a tal escolha de Eurípedes, Nietzsche, na obra “O nascimento da tragédia”, a contrasta - inspirando-se em Schopenhauer - explicitando a importância da música na arte trágica, pois a composição de uma música é expressão inconsciente à sua razão e, por isso mesmo, não seria cópia de um fenômeno, mas cópia da vontade mesma. E, uma vez que Eurípedes tivera abandonado Dionísio, ele tivera extirpado a música da arte trágica - que equivale a tirar o trágico da tragédia. “Excluir da tragédia esse elemento original e

---

<sup>11</sup> João Evangelista, na obra “As 10 lições sobre Nietzsche”, P. 32, Apolo é apresentado como um jovem que possui um corpo atlético, cuja proporção das partes estão em alinhamento com o todo. Sabe-se que os gregos usavam parâmetros geométricos, inclusive, em pessoas - as esculturas na Grécia Antiga são um bom exemplo de como o grego dava importância à sua aparência.

<sup>12</sup> Sua imagem é geralmente tida como um deus cuja proporção do corpo não é simétrica para os padrões geométricos da Grécia Antiga. Ademais, o deus grego é relacionado à embriaguez criativa, estado no qual a inconsciência impera sobre a consciência. A figura de Dionísio é retratada, portanto, a partir de uma tragicidade que permeia a arte grega. Trata-se de uma manifestação artística, transfigurada numa cosmogonia, por Nietzsche, que representa a ausência de ordem no mundo..

<sup>13</sup> Segundo Nietzsche, na obra “O nascimento da tragédia”, os heróis das peças de Eurípedes tornaram-se dialéticos, resultado da exclusão do impulso dionisíaco.



todo-poderoso e reconstruí-la puramente sobre uma arte, moralidade e visão de mundo não dionisíacas - eis a tendência de Eurípedes que agora se revela para nós sob uma clara luz.” (NIETZSCHE, 2020. P. 70)

Não obstante, tal supervalorização do apolíneo representa, para Nietzsche, o resquício de uma negação da vida em sua inteireza que, enfim, se encontrará fortemente presente e ativa na filosofia de Sócrates e no platonismo, pois é pautada na luminosidade racional, na visão clara e distinta, no processo metafísico de dualizar a vida, impedindo a aceitação do polo inconsciente que, para Nietzsche, permeia o indivíduo e a vida. Desse modo, a negação dos instintos, das paixões, é instaurada na moralidade da filosofia socrática, na medida em que se fundamenta a luz diurna da razão como único meio capaz de desvelar a suposta verdade por trás dos invólucros sensíveis. Nietzsche, em sua obra de maturidade, “Crepúsculo dos ídolos”, vai de encontro a tal racionalização, alegando que os filósofos, até então, idolatraram conceitos vazios; e isso se deu como uma reação ao possível engano que a aparência trazia consigo, fazendo com que os filósofos passassem a buscar a essência das coisas fora delas. Enquanto os idealistas e racionalistas negligenciam a experiência como participante no processo de aquisição cognitiva, Nietzsche critica o protagonismo da razão como autossuficiente.

A ‘razão’ é a causa de falsificarmos o testemunho dos sentidos. Na medida em que mostram o vir-a-ser, o decorrer, a transformação, os sentidos não mentem... Mas Heráclito sempre terá razão em que o ser é uma ficção vazia. O mundo ‘aparente’ é o único: o ‘mundo verdadeiro’ é apenas *acrescentado mendazmente*. (NIETZSCHE. 2017. P.21)

O grande embate de Nietzsche para contra o platonismo, seria a partir da incansável ambição de tal filosofia idealista em fundamentar uma verdade absoluta, dominar a vida sob os moldes da razão e, assim, corrigi-la. Vale refletir se tal tentativa de racionalização em todo o âmbito da existência, por Platão de idade madura, não seria o medo do movimento iminente, que é processo de gênese, mas também de morte. O que corrobora com essa interpretação, está na obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, quando Marques comenta a saída de Platão após a morte de Sócrates. Ademais, o comentador da primeira metade do livro citado, expõe a ideia de que, segundo Nietzsche, Platão haveria deixado Atenas, não por medo da possibilidade da violência contra ele, mas sim pelo medo da morte - ou seja, seu temor era de viés existencial. E, do contrário dessa atitude de dizer não à vida, que Nietzsche traz o artista trágico como o exemplo daquele que a aceita, como é presente na obra “Crepúsculo dos Ídolos”. O artista não é um pessimista, pois ele diz justamente Sim a tudo questionável e mesmo terrível, ele é dionisíaco. (NIETZSCHE, 2017. P. 24).



Segundo a interpretação de Nietzsche, foi através do platonismo que se foi instaurado o dualismo, cuja função é distinguir o verdadeiro do falso; o primeiro, sempre atribuído ao mundo inteligível, já o segundo, atribuído sempre ao mundo sensível - que é apenas um intermediário entre o ser e o não-ser. Posição a qual Nietzsche contrasta, em sua obra de maturidade, “Crepúsculo dos ídolos, dizendo que nada, até o presente, teve uma força de persuasão mais ingênua do que o erro do ser, tal como foi formulado, por exemplo, pelos eleatas. Em sua obra de juventude, “A filosofia na era trágica dos gregos”, Nietzsche já adotava uma postura crítica acerca da filosofia platônica. No entanto, para melhor compreender Platão, ele revisitou os filósofos que o influenciaram, haja vista que, para Nietzsche, o platonismo é constituído através de um misto de outras filosofias - os exemplos mais imediatos são: Heráclito e Parmênides.

Vale refletir se tal tentativa de racionalizar a vida, como um remédio universal para ela, não seria, pois, o medo do movimento iminente, que é processo de gênese, mas também de morte. Na obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, Marques comenta a saída de Platão, após a morte de Sócrates. Ademais, o comentador da primeira metade do livro citado, expõe a ideia de que, segundo Nietzsche, Platão haveria deixado Atenas, não por medo da possibilidade da violência contra ele, mas sim pelo medo da morte - ou seja, seu temor era de viés existencial.

Desse modo, contra a natureza aparente, é fundamentado, por meio do esquematismo lógico, uma verdade imutável. A consequência dessa corrente de pensamento, ancorada no logicismo - sem depender de condições externas para a asserção - é o dogmatismo, que é entendido como a exclusão do papel do sujeito como aquele que interpreta e dá sentido às coisas. Do contrário a tal postura perspectivista, o sujeito é determinado pela verdade incondicional<sup>14</sup>. Ademais, acerca da verdade objetiva, designando o dogmatismo, Nietzsche vai indagar, na obra “Para além do bem e mal”, a respeito do que, ou quem, nos impõe tal verdade, juntamente com o seu valor. “*Quem, realmente, nos coloca questões? O que, em nós, aspira realmente ‘à verdade’?*” - De fato, por longo tempo nos detivemos ante a questão da origem dessa vontade - até afinal parar completamente ante uma questão ainda mais fundamental. Nós questionamos o *valor* dessa vontade. (NIETZSCHE, 2005. P. 9). Tal atitude que toma Nietzsche, diz respeito ao questionamento dos valores morais impostos, que é presente em sua contemporaneidade, mas cuja origem se pode encontrar na corrente de pensamento socrático-platônica.

---

<sup>14</sup> Por exemplo, o desfecho do diálogo platônico, sobre o tema da justiça, entre Sócrates e Trasímaco, chegando à conclusão de que a justiça não é, senão, algo que está acima do indivíduo, e que cabe a ele segui-la fielmente. Isto é, há uma lei - posta como algo transcendental - segundo a qual o sujeito não possui liberdade em defini-la, mas tão só ser submisso à definição dela sobre ele.



Segundo os relatos de Nietzsche, Platão enxergava a si mesmo como o único capaz de fomentar a maneira pela qual se chega ao conhecimento da verdade.<sup>15</sup> Desse modo, Nietzsche critica tal atitude de Platão, expondo a imagem que ele tem do filósofo dialético, imaginando-o dizendo: “Olhem, sou capaz de fazer o que fazem meus grandes rivais, e sou capaz de fazer melhor que eles. Não há Protágoras que tenha criado mitos tão belos como os que criei, não há dramaturgo que tenha criado um todo tão cheio de vida e tão cativante como é o Banquete, não há orador que tenha composto um discurso tal como eu apresento no Górgias: pois bem, eu rejeito tudo em conjunto e condeno toda arte imitativa.” (NIETZSCHE, 1996. P.83).

Para uma melhor compreensão do processo de reviravolta do jovem Platão (artista) ao Platão em idade madura (dialético), vale retornar à obra “O nascimento da tragédia”. Nela, Nietzsche pretende utilizar duas imagens, de duas figuras na mitologia grega.<sup>16</sup> - Apolo e Dionísio - como expressões artísticas e, além do mais, fazer delas uma espécie de cosmovisão, como bem elucidada João Evangelista, na obra “10 Lições sobre Nietzsche”. Ademais, Apolo se transfigura numa imagem límpida, é símbolo de simetria e harmonia<sup>17</sup>. Por vez, Nietzsche toma apolo como símbolo de uma suposta ordem que permeia o cosmos. Como antítese, há Dionísio, que se manifesta numa imagem que representa a paixão, a desmesura, a embriaguez criativa<sup>18</sup>. Essas duas imagens, muito embora antitéticas, juntas compõem a superabundância da vida, Apolo e Dionísio são tidos, portanto, como dois impulsos naturais que permeiam a vida - importantes para a expressão artística dos helenos.

No entanto, segundo os relatos de Nietzsche, a figura de Apolo era demasiadamente valorizada, enquanto a de Dionísio, era repudiada. Alega Nietzsche, que tal evento de separação das

---

<sup>15</sup> Marques, comentador da primeira metade da obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, nos apresenta uma ideia a partir da leitura que Ver Rodrigues faz de Nietzsche, a respeito dos temas éticos platônicos. Trata-se, por vez, de atribuir a Platão uma imagem de amante da glória, cujo empreendimento teórico-político era sublime, em comparação aos seus contemporâneos.

<sup>16</sup> Com isso, apresenta Marques, um Nietzsche que lança uma metáfora, a qual retrata como os estudiosos da Alemanha (Séc. XIX) tomavam suas visões de mundo, juntamente com seus métodos estritamente científicos. Na obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, P. XIII, é exposto a ideia de que tal crença no absolutismo da razão tem como origem o socratismo.

<sup>17</sup> João Evangelista, na obra “As 10 lições sobre Nietzsche”, P. 32, Apolo é apresentado como um jovem que possui um corpo atlético, cuja proporção das partes estão em alinhamento com o todo. Sabe-se que os gregos usavam parâmetros geométricos, inclusive, em pessoas - as esculturas na Grécia Antiga são um bom exemplo de como o grego dava importância à sua aparência. Vale lembrar, também, o suposto evento no qual um fisionomista, após olhar para Sócrates, o disse que ele abrigava todos os apetites ruins.

<sup>18</sup> Sua imagem é geralmente tida como um deus cuja proporção do corpo não é simétrica para os padrões geométricos da Grécia Antiga. Ademais, o deus grego é relacionado à embriaguez criativa, estado no qual a inconsciência impera sobre a consciência. A figura de Dionísio é retratada, portanto, a partir de uma tragicidade que permeia a arte grega. Trata-se de uma manifestação artística, transfigurada numa cosmovisão, por Nietzsche, que representa os movimentos de gênese e morte - o contínuo fluxo que constitui a natureza; sem que haja uma razão suficiente para tal processo cego e espontâneo.



partes que constituem a arte trágica, foi com Eurípides; eis o responsável por retirar os elementos dionisíacos de sua arte, tal como a música dionisíaca, dando atenção apenas aos diálogos de cunho lógico e racional<sup>19</sup>. Tal acontecimento foi devido ao impacto da presença socrática nas obras de Eurípides; “Com o chicote dos seus silogismos, a dialética otimista expulsa da tragédia a música; ou seja, destrói a essência da tragédia, que só é possível interpretar como uma manifestação e figuração de estados dionisíacos, como simbolização visível da música, como o mundo onírico de uma embriaguez dionisíaca”. (NIETZSCHE, 2020. P. 81). Em contraste a tal escolha de Eurípides, Nietzsche, na obra “O nascimento da tragédia”, a contrasta - inspirando-se em Schopenhauer - explicitando a importância da música na arte trágica, pois a composição de uma música é expressão inconsciente à sua razão e, por isso mesmo, não seria cópia de um fenômeno, mas cópia da vontade mesma. E, uma vez que Eurípides tivera abandonado Dionísio, ele tivera extirpado a música da arte trágica - que equivale a tirar o trágico da tragédia. “Excluir da tragédia esse elemento original e todo-poderoso e reconstruí-la puramente sobre uma arte, moralidade e visão de mundo não dionisíacas - eis a tendência de Eurípides que agora se revela para nós sob uma clara luz.” (NIETZSCHE, 2020. P. 70)

Não obstante, tal supervalorização do apolíneo representa, para Nietzsche, o resquício de um dogmatismo que, enfim, se encontrará fortemente presente e ativo na filosofia de Sócrates e no platonismo, pois é pautada na luminosidade racional, na visão clara e distinta do dualismo metafísico, que se sustenta na ideia de verdadeiro e falso - este último, para o mundo concreto. Tal postura é negação dos instintos, das paixões, na medida em que se fundamenta a luz diurna da razão como único meio capaz de desvelar a suposta verdade por trás dos invólucros sensíveis. Nietzsche, em sua obra de maturidade, “Crepúsculo dos ídolos”, vai de encontro a tal racionalização, alegando que os filósofos, até então, idolatraram conceitos vazios; e isso se deu como uma reação ao possível engano que a aparência trazia consigo, fazendo com que os filósofos passassem a buscar a essência das coisas fora delas. Enquanto os idealistas e racionalistas negligenciam a experiência como participante no processo de aquisição cognitiva, Nietzsche critica o protagonismo da razão como autossuficiente.

A ‘razão’ é a causa de falsificarmos o testemunho dos sentidos. Na medida em que mostram o vir-a-ser, o decorrer, a transformação, os sentidos não mentem... Mas Heráclito sempre terá razão em que o ser é uma ficção vazia. O mundo ‘aparente’ é o único: o ‘mundo verdadeiro’ é apenas *acrescentado mendazmente*. (NIETZSCHE. 2017. P.21)

---

<sup>19</sup> Segundo Nietzsche, na obra “O nascimento da tragédia”, os heróis das peças de Eurípides tornaram-se dialéticos, resultado da exclusão do impulso dionisíaco.



Sabe-se, segundo relatos de historiadores gregos, como por exemplo Diógenes Laércio, Platão teve uma educação artística, no entanto, por mais que Platão tivesse potencialidades desenvolvidas, para escrever tragédias, tal talento era posto em seus diálogos quase que espontaneamente, ou seja, de forma não intencional. Já a característica dialética, esta sim, era proposital e lutava contra toda a forma de arte dos poetas da Grécia Antiga. A presença da dialética nos diálogos de Platão como um traço adotado propositalmente, com a intenção de distinguir os filósofos dos artistas contemporâneos de Platão. (MARQUES, 2020. P. LX). Ademais, Nietzsche rememora um relato de Aristóteles, de que Platão, antes de Sócrates entrar em sua vida, conhecia a filosofia de Heráclito, mas foi a partir da morte de Sócrates, que ele passou a estudar com os discípulos de Parmênides de Eléia.<sup>20</sup> A partir desse contato com a filosofia dos pré-socráticos, reunindo elementos de tais filosofia, Platão passa a construir seu pensamento e, junto a isso, seu projeto elevado de mudar o Estado e o mundo, inaugurando um novo percurso de como filosofar, na qual a razão ganha autonomia em relação à experiência advindas dos órgãos dos sentidos.

O motivo pelo qual Nietzsche traça um contraste entre Platão e os filósofos da *physis*, é para que sua investigação de fosse bem sucedida. O comentador da primeira metade da obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, Marques, nos apresenta a seguinte fala: “Ele pensa, com razão, que para compreendermos Platão temos sempre que situá-lo na oposição a alguma instância fundamental da cultura: seja na crítica aos poetas, aos sábios arcaicos ou modernos, seja na confrontação política do tribunal que condena Sócrates.” (MARQUES, 2020. P. LXVI). Desse modo, faz-se enriquecedor voltar o olhar para a visão de mundo dos filósofos da *physis* (natureza), a fim de traçar uma comparação em relação à filosofia posterior (socrática e platônica) e, com isso, destacar o momento e, qual postura foi crucial, para o declínio da filosofia trágica em detrimento de uma filosofia dogmática e otimista (configurando o socratismo e platonismo).

Ademais, o filósofo Eleata constitui sua filosofia a partir da noção do ser, que segundo ele é eterno, indivisível e imutável. A asserção de que o ser é, segundo Nietzsche - em tom de crítica -, parte do pressuposto de que a faculdade do pensamento foi capaz de pensá-lo, logo, ele existe; do contrário, o que não é, não pode ser pensado. “Em nenhuma parte a experiência lhe ofereceu um ser tal como havia ideado, mas, porque foi capaz de pensá-lo, ele então concluiu que tal ser tinha de existir; uma conclusão baseada no pressuposto de que temos um órgão do conhecimento que se dirige à essência das coisas e independente da experiência.” (NIETZSCHE, 2008. P. 87) Do mesmo modo, Platão se debruçou em tal corrente de pensamento no estático, fazendo uma distinção entre

---

<sup>20</sup> Tal ideia é proposta pelo comentador da primeira metade da obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, traduzida para o português em 2020.



duas faculdades: a alma (ratio) e o corpo. Assim, a filosofia do ser eterno, na busca pela essência das coisas, se contrasta com o eterno vir-a-ser, na premissa de que a segunda é baseada nos sentidos, portanto, na imagem da ideia. Fica evidente tal pressuposto, na obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, na qual Nietzsche narra, interpreta e também faz objeções:

O destrutível é o composto, o uno é durável. Ao relacionar-se com o corpo, a alma se torna inquieta e se aplica ao que está sempre em mudança. A alma do filósofo <.> anseia pelo que permanece igual. [Tudo está depois da morte]. Há de diferenciar-se entre visível, sensível, múltiplo e o [eterno] e eternamente imutável. A alma anseia pelos últimos; o corpo, pelos primeiros. (NIETZSCHE, 2020. P. 110)

Tanto a filosofia de Parmênides, como a de Platão, são abstrações sem ponto de referência, isto é, sem coisa no mundo que direcione à especulação, com isso, há um resquício da lógica como amparo para as afirmações que eles fazem. “A verdade deve habitar, agora, apenas nas mais pálidas e abstratas generalidades, nos estojos vazios das mais indeterminadas palavras, como num abrigo feito de teias de aranha; e, junto a tal ‘verdade’, senta-se então o filósofo, enredado em fórmulas e tão esvaído em sangue quanto uma abstração. A aranha quer, afinal de contas, o sangue de suas vítimas; mas o filósofo parmenidiano detesta justamente o sangue de sua vítima, o sangue da empiria por ele imolada.” (NIETZSCHE, 2008. P.85). Ademais, na mesma obra, “A filosofia na era trágica dos gregos”, Nietzsche acusa parmenides de depositar confiança incondicional ao seu ser, que resulta em uma afirmação tautológica - “Mas é justamente esse conhecimento tautológico que lhe proclama de modo implacável: o que não é, é nada! O que é, é! (NIETZSCHE, 2008. P. 82)

Portanto, é contra essa doutrina da hipertrofia da razão, presente na filosofia de Platão como uma espécie de despotismo, que Nietzsche recorre aos filósofos da physis, em sua obra de juventude, “A filosofia na era trágica dos gregos”. Com isso, a intenção dele é contrastar os pré-platônicos com o platonismo, pois este movimento transmite uma filosofia baseada na permanência, unidade, substância, designando uma essência imaterial que dá razão ao mundo. Platão fundamenta uma filosofia estritamente baseada no pensamento sem referência (coisa no mundo) e, com isso, idealiza seu mundo perfeito.

Ademais, Platão é um interlocutor assíduo de Nietzsche, este último, ao estudar Platão, pensa com e contra ele. Trata-se de distinguir, portanto, o pensador de sua doutrina. Desse modo, Nietzsche assume a importância em ler os diálogos de Platão, haja vista que os elementos artísticos



que compõe tais diálogos são transbordantes<sup>21</sup>. No entanto, Nietzsche, enquanto professor de filologia na Universidade da Basileia, ao mesmo tempo em que demonstra importância concernente à leitura dos diálogos de Platão. Mas tal importância parece ser posta em dúvida, quando Nietzsche desmotiva a leitura dos escritos de Platão, pois, segundo o alemão, os diálogos possuem motivações dialéticas, não estéticas - sua finalidade é o discurso lógico e racional.

Pode-se constatar que, mediante os relatos e interpretações de Nietzsche da personalidade e vida de Platão, há uma esperança em resgatar a imagem do filósofo artista. A respeito de tal esperança, se torna possível a partir da interpretação específica que Nietzsche faz de Platão, no qual diz que, muito embora Platão estivesse entre os socráticos, ele não foi um homem teórico, nem podemos totalizar sua natureza como um lógico.<sup>22</sup> Por fim, o Platão de Nietzsche é aquele que sofre do embate entre arte e ciência. E o Nietzsche de Platão, é aquele que sofre do mesmo embate, mas que assume a arte - do contrário ao platonismo - como legítima maneira de expressar a vida em sua amplitude e concretude. É, então, contra o Platão da doutrina das ideias que Nietzsche pretende reverter o platonismo e valorizar tudo o mais que foi desvalorizado por Sócrates.

## Referências

NIETZSCHE, Friedrich. *Introdução ao estudo dos diálogos de Platão*. 1ed. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. 1ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. 1ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Trad. Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Editora Hedra, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou, os gregos e o pessimismo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2020

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. 2ªed. Trad. Pedro Sussekind. São Paulo: Editora 7 Letras, 1996

---

<sup>21</sup> Na página XXXVI da obra “Introdução ao estudo dos diálogos de Platão”, é apresentada a ideia de que, segundo Nietzsche, Platão mistura todos os estilos e formas em suas obras, “oscilando entre a narrativa, o lirismo e o drama, entre prosa e poesia.” (NIETZSCHE apud MARQUES. 2020. P.XXXVI)

<sup>22</sup> Tal contraste, entre o homem Platão (com vocação artística) e Sócrates, é porque este não teve um histórico positivo em relação à prática da arte, como o caso no qual ele se recusa a praticá-la, nos dias de seu condenamento, dizendo que a música popular não é digna de apreciação divina, tal como sua filosofia é.



DUARTE, Rodrigues. *O belo autônomo. Textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Crisálida, 2017.

HADOT, Pierre. *O véu de Ísis: Ensaio sobre a história da ideia de natureza*. Trad. Mariana Sérvulo. São Paulo: Editora Loyola, 2006.

MARQUES, Marcelo. In NIETZSCHE, F. *Introdução ao estudo dos diálogos de Platão*. Trad Marcos Sinésio e Francisco José. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2020, p. XXVI - LXX.

GIACÓIA, Oswaldo. *O platão de Nietzsche. O Nietzsche de Platão*. Cadernos Nietzsche: 3, p.23-36, 1997.

**Recebido: 03-01-2022**

**Aceito: 20-05-2022**